

MEMÓRIA E HIPOMNÉSIA NOS PROJETOS DE VIDA DE ADOLESCENTES. FAZENDA DO MENOR, FEIRA DE SANTANA – BA

MACÊDO, Edna Lúcia Nascimento¹

SILVA, Maria da Luz²

MOREIRA, Vicente Deocleciano³

Resumo: Este trabalho tem uma abordagem quanti-qualitativa, com características de um estudo de caso, onde buscamos estabelecer uma análise comparativa da construção/realização do projeto de vida do adolescente institucionalizado, baseado o perfil desses adolescentes bem como, a análise de conteúdo dos depoimentos registrados. Os resultados evidenciaram que apenas 20% dos 20 adolescentes entrevistados lembram do projeto de vida construído em 1999; 65% consideram que apesar das dificuldades estão realizando o projeto de vida; que para superar as condições desfavoráveis é necessário continuar estudando; e finalmente, que o compromisso, a responsabilidade e a motivação são alguns dos fatores que possibilitam o caminho para suas realizações. Em estudo realizado anteriormente com 33 adolescentes institucionalizados. Foram entrevistados 20 adolescentes, representando 66,6% do grupo original.

Palavras-Chave: Projeto de Vida; Adolescente; Educação; Trabalho; Hipomnésia

Introdução

Eu acredito é na rapaziada
Que segue em frente e segura o rojão
Eu ponho fé é na fé da moçada
Que não foge da fera e enfrenta o leão
Eu vou à luta com essa juventude
Que não corre da raia a troco de nada
Eu vou no bloco dessa mocidade
Que não tá na saudade e constrói
A manhã desejada

¹ Prof^a Ms do Departamento de Saúde da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) – Bahia – Brasil - e Pesquisadora do Núcleo de Antropologia da Saúde/NUAS-UEFS

² Prof^a Dr^a do Departamento de Saúde da UEFS e Pesquisadora do Núcleo de Antropologia da Saúde/NUAS-UEFS

³ Prof. Ms do Departamento de Ciências Humanas e Filosofia da UEFS, Pesquisador e Coordenador do NUAS

(Gonzaguinha)

Como e por onde andariam os projetos de vida dos adolescentes que, após completarem 18 anos, não puderam continuar como beneficiários do Projeto Menor Aprendiz da Fazenda do Menor (Feira de Santana –Bahia)?

O que fariam? Teriam esses adolescentes condições para competir no mercado de trabalho, como mão de obra ainda com pouca qualificação, em relação aos níveis exigidos pelos empregadores?

Como fariam para enfrentar os desafios e barreiras que decerto surgiriam? Eram inquietações nossas que buscavam respostas. Dessa forma, fomos em busca de cada um dos adolescentes para sabermos que caminho estavam trilhando para a realização do projeto de vida construído naquele momento.

Todo projeto é um ‘projétil’. Todo projétil (bala, pedra, flecha ...) parte do presente com olhos e alvos no futuro. Como o presente é inapreensível – a exemplo do “mergulho” (heraclítico) sempre novo na águas sempre passantes e sempre novas de um rio – colocar o pé no próximo degrau de uma escada é um projeto. O projeto de vida, exclusivo do ser humano, é sempre facultado pelo desejo que, por sua vez, nasce da falta, da carência presente do que se deseja (no futuro). O desejo, quer pressupõe a falta, é condição exclusivamente humana – posto que os outros animais, pelo fato de não falarem, não serem dotados de linguagem, são seres da necessidade e não do desejo.

O projeto de vida, como condição humana, segundo BALDIVIESO e PEROTTO (1995), envolve a insatisfação do presente e o desejo de outras possibilidades. Entre estas duas situações, produz-se um status psicológico e emocional tenso que origina a motivação de superar-se. Frente a esta situação, o homem poderá ter duas atitudes: “Assumir a responsabilidade de superar-se indefinidamente ou Fechar-se em si mesmo e conformar-se com o presente”

Para BALDIVIESO e PEROTTO (1995), na primeira atitude o homem se conquista e se constrói, com autenticidade e respeito; esta é a elaboração do projeto de vida. Na segunda atitude, o homem constrói a sua destruição aos poucos ou rapidamente, isto ocorre quando adere às drogas, por exemplo. Destas duas atitudes, os dois autores consideram que a primeira é mais digna do homem que não pode viver sem compromissos e completam: “o homem descobre significados, porém também vive para assumi-los e realizá-los” (p.39).

BALDIVIESO e PEROTTO (1995) enfatizam, ainda, que a característica fundamental no projeto de vida, nasce da realidade, desenvolve-se e estrutura-se no plano simbólico e exige realismo na fase de execução. Fase esta em que o indivíduo dá forma ao mundo e a si mesmo, segundo o modelo antecipatório do projeto.

Destacamos ainda alguns elementos, considerados pertinentes na construção de um projeto de vida:

1. Envolve uma formulação simbólica, cognoscitiva, é esquemática.
2. Não é inato.
3. Existe uma relação muito estreita entre as estruturas representativas, as executivas e as motivacionais, estas ativam intensamente as outras duas.
4. Preenche o vazio na adolescência, vazio este deixado pelo processo de individualização.
5. Envolve avaliação das alternativas, eleição entre elas, integração, execução e readequação às exigências da realidade vivenciada pelo indivíduo.
6. Exige a existência de valores porque a antecipação se faz a partir de suas preferências (sejam positivas ou negativas) (BALDIVIESO; PEROTTO, 1995).

Na elaboração de um projeto de vida, o aspecto mais importante é o desejo. O desejo move o ser humano a buscar, a sonhar, a idealizar, a querer. Limitar-se a estreitos horizontes ou deixando apenas acontecer, - “deixa a vida me levar, vida leva eu” - é não se permitir abrir-se para a própria vida e para todas as possibilidades que esta oferece.

Para o desenvolvimento desse estudo, resgatamos as informações do trabalho realizado, em 1999, intitulado: Projeto de Vida do Adolescente Institucionalizado. O caso: a Fazenda do Menor, em Feira de Santana – Bahia – Brasil.(MACEDO, 2000), no qual buscávamos identificar o projeto de vida de 33 adolescentes que viviam nessa Instituição. Após três anos de pesquisa, esse resgate objetiva estabelecer uma análise comparativa da construção/realização do projeto de vida desses adolescentes.

A Fazenda do Menor, com área de 700 mil metros quadrados, abriga a Fundação de Apoio ao Menor de Feira de Santana (FAMFS), entidade parceira do Tribunal de Justiça. A Fazenda produz biscoitos (para complemento alimentar de crianças e adolescentes), material esportivo, pisos sintéticos e conta com uma usina de mandioca, complexo poli-esportivo e educacional e um condomínio residencial, além de hortas, canteiros de feijão, milho, e abacaxi, e um criatório de vacas leiteiras. Segundo Tempo e Menor Aprendiz são dois de seus projetos mais conhecidos.

Ir em busca de cada estrela, ou seja, dos adolescentes, saber o que estavam fazendo, passou a ser a razão maior para a concretização desse estudo. Encontrávamos com alguns deles no campus da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), e ficávamos a nos indagar: onde estão as outras estrelas? O que estão fazendo? Saíram todos da Fazenda do Menor? Realizaram seu projeto de vida? A curiosidade era tamanha que, às vezes, forçávamos uma conversa com alguns para ter notícias dos demais.

O nosso objetivo inicial constituiu-se em identificar os adolescentes que fizeram parte do nosso primeiro estudo “Projeto de Vida do Adolescente Institucionalizado, O caso: A Fazenda do Menor – Feira de Santana-Ba 2000” visando estabelecer um quadro comparativo entre construção/realização do Projeto de Vida desses adolescentes e assim analisar sob a ótica do

referencial teórico as facilidades e dificuldades de realização do projeto de vida por eles construído, anteriormente.

A construção do Projeto de Vida

Tanto o adolescente, como o adulto e o idoso, constroem projetos, pois sem estes a vida perde o sentido. Na adolescência a construção do projeto afirma a autonomia perseguida pelo adolescente. Constitui-se, para este, numa fase de questionamentos, descobertas. Seus sentidos estão aguçados, a sua sensibilidade reflete-se na dedicação à música, à poesia, à arte.

Em contrapartida, o outro lado também existe. O consumismo leva o adolescente a buscar sentido no “ter” mais do que no “ser”, recorrendo muitas vezes às drogas e outras transgressões para preencher o vazio existencial que pode ocorrer nessa fase, podendo sair ou não fortalecido dessa situação de crise, tornando-se um adulto responsável e realizar o projeto de vida. Ele descobre coisas e situações que necessita reformar, que requer mudanças. Isso tudo é possível porque o adolescente tem uma capacidade crescente de generalizar e lidar com abstrações.

No entender de BALDIVIESO e PEROTTO (1995, p.39):

O projeto de vida não é outra coisa que a ação sempre aberta e renovada de superar o presente e abrir-se caminho para o futuro, à conquista de si mesmo e do mundo em que se vive. A realização do projeto, isto é, de uma série de possibilidades, abre caminhos, alternativas e projetos novos.

No vivenciar da adolescência três projetos básicos se integram: o profissional, o matrimonial e o de significado da vida. Inicialmente, o adolescente não vê o projeto de vida como uma coisa que tenha que ser realizada, porém, pouco a pouco - e diante das dificuldades com que se defronta e a necessidade e às vezes urgência de fazê-lo - torna-se responsável por sua realização (BALDIVIESO e PEROTTO, 1995). ABERASTURY E KNOBEL (1989, p.44) enfatizam que a situação mutável vivenciada na adolescência faz com que o adolescente seja obrigado a permanentes reestruturações externas e internas, vividas como intrusões, dentro do equilíbrio conquistado na infância e nesse processo de conquistar a identidade, tenta refúgio no passado enquanto projeta-se no futuro:

...quando este [adolescente] pode reconhecer um passado e formular projetos de futuro com capacidade de espera e elaboração no presente, supera grande parte da problemática da adolescência.

Ao querermos situar o adolescente, neste momento em que vivenciamos a entrada do terceiro milênio, onde estão em xeque valores tradicionais e a imperiosa necessidade de reformulação, face às exigências do atual momento do mundo globalizado, tecnológico e virtual, temos que levar em conta que o adolescente se vê premido pelas exigências de cristalizar-se numa identidade adulta, baseado em identificações e de se entregar a vivências prévias, cheias de significados contraditórios e conflitantes.

O adolescente, ao confrontar-se com as expectativas, às vezes conservadoras, do seu meio familiar, e as demandas da sociedade competitiva e em constante mutação cultural, vislumbra um leque de possibilidades, dificultando a elaboração de um projeto de vida onde a realidade possa ser considerada (OSORIO, 1989).

A construção do Projeto de Vida do adolescente no âmbito da Instituição

Ao discorrer sobre o tema, construção do projeto de vida do adolescente no âmbito da instituição total, levamos em conta que, na maioria das vezes, a realidade desses jovens é perversa, desigual, excludente, estigmatizante. O dia seguinte foi, para eles, antecipado para hoje e o fantasma das consequências da realidade brutal, da fome que lhes corrói as entranhas, sem falar na desesperança de que a mera sobrevivência lhes seja assegurada.

GONÇALVES DE ASSIS (1999, p.89), ao estudar a vida de jovens infratores e seus irmãos não-infratores, diz que “os projetos de vida dos adolescentes refletem a forma como interpretam o futuro a partir dos acontecimentos presentes”. São aspirações limitadas pela posição social que ocupam desde o nascimento. Na sua análise, construir família e trabalhar foram os projetos mais relatados pelos jovens, muito embora não evidenciassem a escolha de uma atividade específica.

Na visão de BALDIVIESO e PEROTTO (1995), podemos dizer que para esses adolescentes praticamente todas as alternativas desapareceram, passando da possibilidade para a necessidade. O que é importante para eles, não está no campo de desejo, está no campo da necessidade. Eles não pensam no futuro, eles não projetam nada.

A pesquisa de CAMPOS (1984), sobre adolescentes institucionalizados, revela que o posicionamento paternalista da instituição, interfere na atitude do menor, limitando qualquer tipo de iniciativa e a escolha de um projeto de vida, não propiciando a formação de atitudes de responsabilidades.

A pesquisa de VAINSENER (1989) indica que os adolescentes institucionalizados, a despeito de possuírem aspirações positivas, são ligadas a poucas ambições e têm desejos limitados. Concluiu também que, ao lado desses sonhos modestos, os adolescentes esboçaram sentimentos negativos e indefinidos quanto ao futuro, além do choro, angústia e tristeza

estampadas no rosto, ao serem questionados sobre o futuro. Silva (1996) defende que estudar, ter uma profissão, ter uma família ... não se constitui realmente um projeto de vida e sim a absorção de valores do outro.

NOTA METODOLÓGICA

Nesta pesquisa, optamos por um estudo de natureza quanti-qualitativa que nos permitiu explorar os dados de modo mais abrangente, além do que este estudo foi orientado pelo modelo denominado estudo de caso que para TRIVIÑOS (1987, p.133-134) é uma categoria de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa profundamente.

Para LÜDKE e ANDRÉ (1986), “o estudo de caso é o estudo de um caso, seja ele simples ou específico...”

Campo empírico e população do estudo

Inicialmente, fizemos um levantamento na busca das 33 estrelas que haviam participado do nosso estudo em 2000. Para isso, retornamos à Fazenda do Menor, para obter informações sobre cada um e localizá-los. Para facilitar o nosso trabalho, estabelecemos como critério que o jovem deveria estar morando em Feira de Santana, ter endereço definido para que pudéssemos localizá-lo. Na Fazenda do Menor obtivemos notícias de cada um; quem permanecia na instituição ou, mesmo tendo saído, mantinha o vínculo do trabalho com a mesma. Quem saiu antes de completar 18 anos, e outros focos de informação. Atendendo ao critério de morar em Feira de Santana e ter condição de ser localizado, conseguimos entrevistar 20 adolescentes, correspondendo a 66,6% do grupo original.

Optamos por começar as entrevistas com aqueles que moravam e/ou trabalhavam na Fazenda do Menor. Enquanto isso, tentávamos localizar os endereços daqueles que já tinham saído da Instituição, para fazermos a visita domiciliar (V D). Além da V. D, fizemos entrevistas também por telefone, pois, quando chegávamos ao endereço e não encontrávamos o jovem, deixávamos o recado, e ele em seguida mantinha contato conosco por telefone. Para a coleta de dados utilizamos a entrevista semi-estruturada com três perguntas norteadoras feitas a cada jovem individualmente.

É importante registrar que ficamos muito mobilizados em reencontrar todos aqueles adolescentes que participaram do nosso estudo anterior, e em sentir como fomos acolhidos carinhosamente por eles.

Para o tratamento dos dados procedeu-se a análise quanti-quantitativa das transcrições das entrevistas, recorrendo-se a tabelas e a análise de conteúdo que de acordo com TRIVIÑOS (1987) pode ser aplicada tanto na investigação qualitativa como na quantitativa.

MEMÓRIA E HIPOMNÉSIA NOS PROJETOS DE VIDA

Perfil dos adolescentes: o que mudou?

Numa tentativa de estabelecer comparações, procuramos resgatar o perfil do grupo estudado em 1999 para que elas pudessem facilitar a compreensão daquele momento do grupo de adolescentes.

**TABELA 01 - Distribuição dos adolescentes segundo faixa etária (1999/2002).
Feira de Santana, 2002.**

Ano Faixa etária	1999		2002	
	Nº	%	Nº	%
13 - 15	07	35,0	-	-
16 - 18	13	65,0	07	35,0
19 - 21	-	-	13	65,0
TOTAL	20	100,0	20	100,0

Fonte: trabalho de campo

Dos adolescentes que fizeram parte desse estudo, no primeiro momento, 35% encontrava-se na faixa etária entre 13 e 15 anos e 65% entre 16 e 18 anos. Em 2002, 35% do grupo encontrava-se na faixa etária entre 16 e 18 anos e 65% entre 19 e 21 anos. Isto significa estar acima da faixa de idade estipulada pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) que define como adolescente a pessoa com idade entre 12 e 18 anos.

**TABELA 02 - Distribuição dos adolescentes segundo escolaridade (1999/2002).
Feira de Santana-BA, 2002.**

Ano Grau de Instrução	1999		2002	
	Nº	%	Nº	%
Fundamental	20	100,0	18	90,0
Médio	-	-	02	10,0

TOTAL	20	100,0	20	100,0
--------------	-----------	--------------	-----------	--------------

Fonte: trabalho de campo

No que diz respeito à escolaridade, 100% dos adolescentes estudados cursavam o ensino fundamenta, em 1999. Em 2002, 90% desses adolescentes ainda cursavam o ensino fundamental e apenas 10% conseguiu ascender ao ensino médio. Isso faz pensar que, mesmo num percentual que pareça pouco significativo, é possível ao jovem institucionalizado conseguir cursar o nível médio desde que tenha oportunidade, interesse, motivação e condições de acesso à escola. Quanto aos que ainda estão no ensino fundamental os índices de repetência, evasão, gerando exclusão, além da falta de interesse e pouca motivação dificulta o alcance do nível de escolaridade mínima condizente com as exigências do mercado de trabalho.

TABELA 03 - Distribuição dos adolescentes segundo local de moradia (1999/2002). Feira de Santana-BA, 2002.

Ano	1999		2002	
	Nº	%	Nº	%
Fazenda do Menor	20	100,0	12	60,0
Com familiares	-	-	08	40,0
TOTAL	20	100,0	20	100,0

Fonte: trabalho de campo

Em 1999, 100% do grupo morava na instituição (Fazenda do Menor). Em 2002, 60% continuavam morando ali e 40% com familiares. Vale ressaltar que entre aqueles que continuam morando na instituição 50% estavam com 19 anos ou mais, refletindo mais uma vez, a problemática do jovem que completa 18 anos e não tem para onde ir. A Fazenda do Menor que o abrigou até os 18 anos, continua sendo a sua única referência. Para MACEDO (2000), quando a instituição coloca a possibilidade para o indivíduo de lá permanecer após 18 anos, está fomentando uma atitude paternalista e cerceando outras possibilidades para o adolescente. Por pior – e traumático - que seja o processo de desligamento, a instituição tem que se planejar e preparar o adolescente para esse rito de passagem. De passagem para a vida sem a instituição.

TABELA 04 - Distribuição dos adolescentes segundo local de trabalho – (1999-2002). Feira de Santana-BA, 2002.

Ano	1999	2002
------------	-------------	-------------

Local de Trabalho	Nº	%	Nº	%
Fazenda do Menor	09	45,0	14	70,0
UEFS	05	25,0	02	10,0
Comunidade	-	-	02	10,0
Não trabalhava	06	30,0	02	10,0
Total	20	100,00	20	100,00

Fonte: trabalho de campo

Em 1999, 45% do grupo trabalhavam na Instituição; 25% na UEFS; e 30% não trabalhavam. Em 2002, 70% dos adolescentes trabalhavam na Fazenda; 10% na UEFS; 10% na comunidade e 10% não estavam trabalhando. Comparando-se 1999 e 2002 observa-se que os maiores percentuais de local de trabalho, concentrava-se na Fazenda do Menor. Nos estudos de MACEDO (2000), as estrelas eram estimuladas a trabalhar em setores como padaria, horta e granja – ocupações que permitiam remuneração para a compra de objetos pessoais e mandar algum dinheiro para ajuda familiar.

TABELA 05 - Distribuição dos adolescentes segundo ocupação (1999-2002). Feira de Santana-BA, 2002.

Ocupação \ Ano	1999		2002	
	Nº	%	Nº	%
Fábrica de bola	-	-	08	40,0
Agricultura	04	20,0	01	5,0
Padaria	01	5,0	02	10,0
Serviços gerais	02	10,0	01	5,0
Instrutor de banda	-	-	01	5,0
Pecuária	02	10,0	01	5,0
Office-boy (UEFS)	05	25,0	02	10,0
Ajudante de pedreiro	-	-	01	5,0
Biscate	-	-	01	5,0
Sem ocupação	06	30,0	02	10,0

TOTAL	20	100,0	20	100,0
--------------	-----------	--------------	-----------	--------------

Fonte: trabalho de campo

Quanto à ocupação, em 1999 o grupo que trabalhava na Fazenda do Menor exercia as seguintes atividades; 25% como office-boy na UEFS; 20% na agricultura; 10% serviços gerais; 10% na pecuária; 5% na padaria; e 30% sem ocupação. Em 2002, os adolescentes que trabalhavam na Fazenda do Menor estavam distribuídos nas seguintes atividades: 40% trabalha na fábrica de bola; 10% na padaria; 10% como office-boy na UEFS; 5% na agricultura; 5% serviços gerais; 5% instrutor de banda; 5% na pecuária;; na comunidade 5% como ajudante de pedreiro e 5% fazendo biscate e 10% sem ocupação. No estudo de MACEDO (2000), o trabalho dentro da instituição possibilitava uma atividade, uma remuneração, mas a falta de regularidade no pagamento, desestimulava o grupo, que preferia trabalhar em locais fora da Fazenda a exemplo da UEFS. Na verdade, a garantia da remuneração regular, mensal, constituía-se num verdadeiro prêmio. Nesse momento, observamos que o maior percentual de ocupação estava concentrado ainda na Fazenda do Menor, o que nos leva a inferir quanto a dificuldade do jovem em ingressar no mercado de trabalho; os jovens tinham, então, que se ‘contentar’ com a oportunidade oferecida na Fazenda do Menor.

**TABELA 06 - Distribuição dos adolescentes segundo remuneração (1999-2002).
Feira de Santana-BA, 2002.**

Remuneração	Ano		1999		2002	
			Nº	%	Nº	%
1 SM			-	-	02	10,0
1 SM			14	70,0	16	80,0
Sem remuneração			06	30,0	02	10,0
TOTAL			20	100,0	20	100,0

Fonte: trabalho de campo

Em 1999, o salário mínimo (no Brasil) era, em janeiro, R\$ 130,00 (cento e trinta reais); em dezembro, R\$ 151,00 (cento e cinquenta e um reais). Em janeiro de 2002, o salário mínimo equivalia a R\$ 180,00 (cento e oitenta reais); com vigência a partir de abril, passou a R\$ 200,00 (duzentos reais).

Tratando-se da variável remuneração, em 1999 70% do grupo ganhavam menos de um salário mínimo e 30% não tinha remuneração.

Em 2002, 10% ganhavam um salário mínimo; 80% menos de um salário mínimo e 10% não tinham qualquer remuneração. MACEDO (2000) chama a atenção quanto a necessidade de a instituição oferecer alternativas de capacitação no mercado de trabalho que facilitasse a inserção do jovem após saída da instituição. Em 2002, observamos que a maioria continua ganhando menos de um salário mínimo, indicando que esses adolescentes prosseguem vítimas das desigualdades sociais: a baixa escolaridade e a elementar qualificação dificultam ainda mais a inserção no mercado de trabalho. O ECA assegura que o adolescente aprendiz (maior de 14 anos) direitos trabalhistas e previdenciários.

Chamou-nos a atenção nesse estudo que, do grupo estudado, 80% não se lembravam do projeto de vida construído há mais ou menos três anos atrás. Recorremos assim a CAMPBELL (1986) que nos fala de uma hipomnésia episódica quando determinados fatos e experiências são esquecidos, experiências estas carregadas de significados; o esperado era que o indivíduo lembrasse, sobretudo quando se observa que a memória permanece intacta em outros aspectos. Ao estudar projeto de vida do adolescente, MACEDO (2000) nos diz:

Vislumbrando o projeto como o que pode vir a ser, o indivíduo tenta, através do presente, entrever o futuro. Mesmo que esse futuro se apresente incerto, sem muitas perspectivas positivas, não se pode negar a capacidade que o ser humano tem de sonhar, e em especial, o adolescente, porque nessa fase ele tem uma certa desorientação temporal, convertendo o tempo em presente e ativo, tentando manejá-lo.

Com esta visão é possível explicarmos o fato de a maioria dos adolescentes não lembrar o projeto de vida construído em 1999. Associado a isso inferimos que as permanentes reestruturações internas e externas em busca do equilíbrio, (discutido por Aberastury e Knobel referido pela mesma autora) possam ter influenciado, sobremaneira, nessa dificuldade de fixar e evocar as lembranças.

Com essa compreensão, pode-se somar a esses fatores, a própria condição sócio-econômica dos adolescentes desse estudo, se considerarmos que estes vivem numa realidade perversa, desigual, excludente e que quando se vêem sem alternativas passam da visão probabilística para uma visão determinista da realidade, ou seja, não se considera a filosofia da possibilidade e sim a filosofia da necessidade.

A construção do projeto (de vida) é um processo que tem início com a idealização, o sonho, algo que se quer alcançar. (MACÊDO, 2000) Para isso estabelecemos metas, que a depender do tipo de projeto, podem ser de curto, médio e longo prazo.

Entendido como um conjunto de possibilidades ele pode vir a realizar-se ou não. Para essa realização, se faz necessário algumas competências e isso já era reconhecido pelos adolescentes do estudo de MACÊDO (2000).

Algumas condições são apontadas por Lorimier ainda em BALDIVIESO e PEROTTO (1995, p.44) como necessárias, durante a adolescência para a formação do projeto de vida:

1. Situação correta na perspectiva temporal.
2. Domínio de si mesmo.
3. Definição de finalidades e tarefas que o adolescente deseja alcançar a médio e longo prazo.
4. Aquisição das competências necessárias e inserção no mundo do trabalho e dos adultos.
5. Síntese de sexualidade e amor.
6. Relação não ambivalente com autoridade, que favoreça a independência e responsabilidade.
7. Eleição de uma escala própria de valores.

Neste estudo, fizemos um retorno das falas dos adolescentes (estrelas) àquela época (1999) - transcritas de MACEDO (2000) - sobre a construção de seus projetos de vida para facilitar nossa compreensão daquilo que foi sonhado em 1999 e do que foi realizado em 2002. Vale ressaltar que, em 2002, 65% dos adolescentes tinham como certo que estavam realizando seus projetos de vida. Shaula trabalhava como office-boy na UEFS e tinha como projeto “estudar e trabalhar”. Hoje, trabalha na padaria da Fundação de Amparo ao Menor de Feira de Santana (FAMFS), e deu o seguinte depoimento: “não estou estudando no momento, mas quero me formar em Direito”.

Rigel também foi office-boy na UEFS e em 1999 projetava “...trabalhar, casar e ter filhos.” Em 2002, o encontramos triste, mas esperançoso. Triste porque estava desempregado há 06 dias, mas esperançoso porque alimentava outro projeto: “...tô lutando prá comprar uma casa”.

Tem esposa e uma filha de 1 ano e 2 meses. Avaliava que estava realizando o seu projeto de vida e nos diz:

“...a partir do momento que comecei a trabalhar já comecei realizando o meu sonho”.

E acrescenta: “Deus é maravilhoso, sempre na dificuldade não falta...”.

Macêdo (2000) opina que valores como trabalho, moral e bem, fé poderiam ter influenciado na construção do projeto de vida daquelas estrelas. Vejamos o exemplo de Sirius que enfatizava a honestidade e o trabalho como balizadores para o seu projeto de vida:

“...quero ser honesto como sou e trabalhador”

Em 2002, Sirius tinha companhia e uma filha, fazia biscate (limpa fossas, capina) falou das dificuldades que vinha enfrentando para arranjar um emprego, e apesar de tudo, considerava estar realizando o seu projeto:

“...continuo sendo honesto e trabalhador”

Relatou que parou de estudar e que 2003 traria novas oportunidades. MACÊDO (2000)

ao discutir a formação de valores e, entre outros, o valor moral e (genericamente) o bem, se apoiou em Schopenhauer (1995) para comentar que “o caráter e virtudes (honestidade, bondade, escrúpulo) têm sido uma preocupação da moralidade”. Sirius ao enfatizar a questão da honestidade como centro de seu projeto de vida reforça o que a referida autora pensa sobre isso:

Se a honestidade é valorizada por um indivíduo, ele tudo fará para ser honesto, não como algo que deve ser visto como excepcional, mas porque é necessário que ele seja honesto e assim conduzir-se. (MACÊDO, 2000, p.168)

Construção de projetos de vida na área de esportes como das estrelas Deneb e Hama - que queriam, em 1999, “jogar futebol” - quando resgatamos suas falas e as comparamos com o que estavam fazendo realmente, no ano de 2002, vimos que trabalhavam na fábrica de bola (FAMFS) e, embora diferentemente do projeto de 1999, estavam seguros de que realizavam o seu projeto de vida pois estavam trabalhando numa área que “tinha a ver” com esportes. O próprio Deneb, entusiasmado, nos disse:

“...estava treinando mas parei, fraturei o dedo, tava até inscrito no campeonato feirense”...

Esta fala nos remete a BALDIVIESO e PEROTTO (1995) referidos por MACEDO (2000), quando discorrem que ser comprometido com o projeto de vida (umas das características do projeto) gera um grau de compromisso e, com este, a responsabilidade, assegurando assim o salto qualitativo para o futuro.

Apoiada em BALDIVIESO e PEROTTO (1995), para MACÊDO (2000) na adolescência se integram três projetos básicos: o profissional, o matrimonial e o de significado da vida.

Àquela época (1999), algumas estrelas como Kochab, Spica, Castor, Hadar, queriam “casar, trabalhar, estudar, construir família”. Em 2002, estes adolescentes estão trabalhando na Fazenda do Menor, na fábrica de bola, agricultura, ou como office-boy da UEFS, e realizam seu projeto, “estudando”, “se dedicando ao trabalho” ou “tomando curso”.

No nosso entendimento esses adolescentes precisam de oportunidades, de pessoas que acreditem na capacidade que eles têm de realizar os seus projetos, à sua maneira. Na sua modéstia, não importa... Modestas são as suas realizações, porque seus sonhos são modestos. Tão modestos e comuns como os sonhos de qualquer outra pessoa.

Mais importante que tudo isso, é ver que aquelas estrelas continuam brilhando, não se marginalizaram, não se corromperam. Enfrentam dificuldades? Sim, por que não? Afinal, a sua trajetória, sempre foi assim, difícil, cheia de percalços e sofrimentos. Mas eles não desistem e insistem!! E, parodiando Gonzaguinha, seguram a batida da vida o ano inteiro. Mas anseiam por uma oportunidade. E essa oportunidade, alguém tem que ter a coragem de dar, porque

convenhamos, é cruel exigir experiência de alguém que jamais teve a chance de, no trabalho, construir essa exigida experiência. Anseiam por uma primeira vez, uma primeira chance.

É responsabilidade nossa abrir esse leque de opções que a vida pode oferecer. E ajudar esses adolescentes a trilhar o caminho das realizações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização de um projeto é sempre cercada de incerteza porque depende de muitos fatores, fatores estes que nem sempre estão sob nosso controle. Além disso, o grau de compromisso na realização de um projeto pode variar influenciando a sua execução ou realização.

Neste sentido, passamos a uma breve análise de alguns projetos construídos (em 1999) e não realizados (em 2002), tentando uma compreensão aproximada da evidência de não ter sido realizado, mas de ter estado sempre sob numa perspectiva de realização.

Retomando os depoimentos das estrelas (MACEDO, 2000), Betegelse queria, em 1999, “estudar e trabalhar em computador”. Depois quando o encontramos (2002), estava trabalhando como ajudante de pedreiro e assim nos justificou a não realização do seu projeto:

“...chego muito cansado do trabalho, não tenho condição de ir à escola... é muito cansativo “bater massa” até 5, 6 horas da tarde, talvez no próximo ano eu volte à escola”.

Em 1999, Avior, tinha como sonho, como projeto de vida “ser piloto de avião”. Três anos depois, reconhecia a sua situação:

“falta interesse, precisa de muito estudo, e não estou estudando...”

Neste sentido recorremos a BALDIVIESO e PEROTTO (1995), quando referem que o projeto de vida pode ser platônico, ou seja, não vai além da auto-ilusão, o salto para o futuro é fictício.

Ao analisarmos a fala de Avior, vemos que ele não está fazendo nada para a concretização do seu projeto.

Capella sonhava “ser garçon”. Mas reconheceu (2002) a sua falta de motivação, o pouco interesse em realizar o seu projeto: “não tô fazendo nada”.

Para a concretização do projeto de vida deve existir uma relação muito estreita entre as estruturas representativas, executivas e motivacionais.

E nos perguntamos: em meio a tantas dificuldades, tantas frustrações, como essas três estruturas funcionariam para mobilizar internamente estes adolescentes?

Apesar de tudo, os sonhos não acabaram. Não consideramos que esses adolescentes fracassaram, ao contrário eles são jovens resilientes⁴ que conseguiram superar os efeitos

⁴ Pessoas que conseguem “atravessar” os momentos difíceis da vida sem se desestruturar. Maldonado, 1997 citado por Gonçalves de Assis, 1999.

danosos da adversidade e ainda não perderam a esperança. Seguem em frente, lutando, acreditando num futuro melhor. Não estão na saudade, nas lamentações do tempo “perdido” – são capazes de construir a manhã desejada.

Passaram-se mais de dez anos (estamos em 2009) desde a promulgação do ECA e para que este seja efetivamente aplicado o Brasil tem ainda um longo caminho a percorrer. Enquanto isso, milhares de crianças e adolescentes continuam sem ter acesso à alimentação, escola, moradia, lazer, sendo obrigadas a trabalhar muito cedo e sob condições extremamente desgastantes, insalubres, inseguras, violando os direitos mais elementares preconizados pelo Estatuto.

. Dos 33 adolescentes estudados em 1999 conseguimos localizar e entrevistar 20, ou seja, 66,6%. Em 2002, 65/% encontra-se entre 19 e 21 anos, considerados adultos, se tomarmos como parâmetro o ECA. Quanto à escolaridade apenas 10% conseguiram ascender ao ensino médio e 60% continuaram morando na instituição. No que diz respeito ao local de trabalho, 70% desses adolescentes trabalhavam na Fazenda do Menor ou seja, no próprio local de moradia e 10% na UEFS. Foram absorvidos na fábrica de bolas, agricultura, padaria, serviços gerais, instrutor de banda e pecuária e apenas 10% como office-boy na UEFS; no que tange a remuneração encontramos apenas 10% que ganhavam um salário mínimo (2002).

Quando nos reportamos à realização do projeto de vida, apenas 20% dos adolescentes lembravam, em 2002, do projeto de vida construído em 1999.; 65% dos adolescentes consideravam estar realizando seu próprio projeto de vida, conclusão que chegamos a partir dos seguintes depoimentos:

“Não estou estudando no momento, mas quero me formar em Direito”. (Shaula)

“...tô lutando prá comprar uma casa”

Tem esposa e uma filha de um ano e dois meses.

“A partir do momento que comecei a trabalhar já comecei realizando o meu sonho ... Deus é maravilhoso, sempre na dificuldade não falta...”(Rigel)

Sirius tem companheira e uma filha, faz biscate (limpa fossas, capina) falou das dificuldades que vinha enfrentando para arranjar um emprego, e apesar de tudo, considera estar realizando o seu projeto pois nos dizia: “...continuo sendo honesto e trabalhador”.

Quanto a Deneb e Hamal, vimos que trabalham na fábrica de bola na FAMFS e consideram estar realizando o seu projeto de vida pois estão numa área que tem a ver com esportes e Deneb entusiasmado nos dizia:

“...estava treinando mas parei, fraturei o dedo, tava até inscrito no campeonato feirense”...

Kochab, Spica, Castor, Hadar, estão trabalhando na Fazenda do Menor, na fábrica de bola, agricultura, ou como office-boy da UEFS, e realizam seu projeto, ”estudando”, “se dedicando ao trabalho” ou “tomando curso”.

Os resultados dessa pesquisa apontam para a necessidade de continuidade desse estudo,

por entendermos que a construção é sempre um processo inacabado e tratando-se da realização de projeto de vida, é um constante “ir e vir”, “fazer e refazer”, próprios do dinamismo da vida.

No próximo capítulo da retomada deste trabalho, tomara que nos lembremos de perguntar aos jovens, às nossas estrelas, o que – afinal – eles vêm entendendo, desde sempre, por projeto de vida (?)

Referências bibliográficas:

ABERASTURY, A. & KNOBEL, M. **Adolescência normal**: Um enfoque psicanalítico. Tradução de Suzana Maria G. Ballve. 8.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

BALDIVIESO, Laura E. Y. PEROTTO, Pier Carlo. Prevención y Proyecto de vida. In: **La Salud del adolescente y del joven**. OPS/OMS. Publicación Científica. n.552. 1995. p.36-45.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução por Luís Antônio Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977.

BRASIL, Ministério da Saúde. Ministério da Criança. Projeto Minha Gente. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília, 1991.

CAMPBELL, Robert J. **Dicionário de Psiquiatria**. Tradução de Alvares Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

CAMPOS, Angela V. D. de S. **O menor institucionalizado**: um desafio para a sociedade. Petrópolis: Vozes, 1984.

DESCARTES. **Discurso do Método. As paixões da alma**. Tradução Newton de Macedo. 2.ed. Lisboa: Sá da Costa, 1976.

FERREIRA, Tereza de S. **Axé, menino! Salvador**: Tereza de Sá, 1994.

GONÇALVES DE ASSIS, Simone. **Traçando caminhos em uma sociedade violenta:** a vida de jovens infratores e de seus irmãos não infratores. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1999.

LÜDKE, M., ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MACEDO, Edna Lucia do Nascimento. **Projeto de Vida do Adolescente Institucionalizado.** O caso: a Fazenda do Menor. 2000, 232p. (Dissertação de Mestrado) - Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana.

OSORIO, Luiz C. **Adolescente hoje.** Rio Grande do Sul: Artes Médicas, 1989.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Sobre o fundamento da moral.** Tradução de José O. de A. Marques. São Paulo: UNICAMP, 1995.

SILVA, Roberto da. **Os filhos do governo:** a formação da identidade criminosa em crianças órfãs e abandonadas. 1996, 253p. (Dissertação de Mestrado) - São Paulo: Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987. VAINSENCER, Semira A. **O projeto de vida do menor institucionalizado.** Recife: UNICEF, 1989.

VAINSENCER, Semira A. **O projeto de vida do menor institucionalizado.** Recife: UNICEF, 1989.